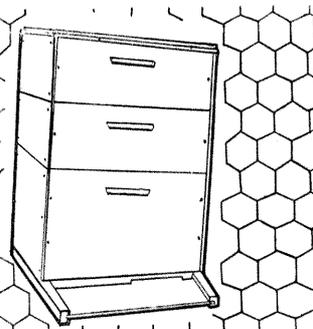


A Colméia



ANO 1º. — SANTA MARIA, 1.º DE MARÇO DE 1972 — Nº. 8

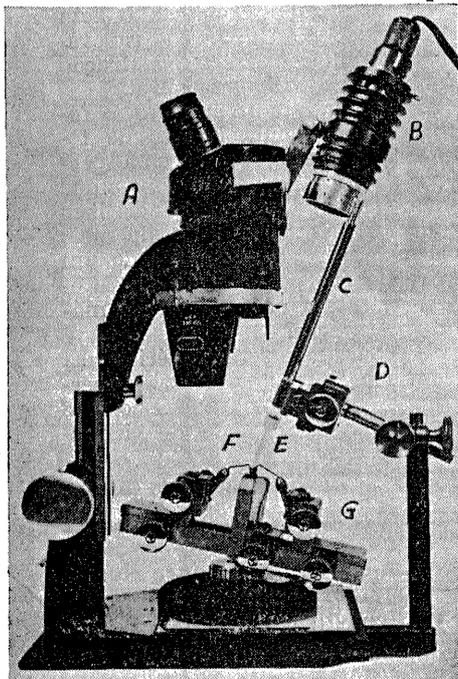
Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura. "Cultura e História" — Edição Mensal
Térmo de depósito do registro Nº. 1078 - Assinatura anual: Cr. 10,00 - End. tel. «A COLMÉIA»
Proprietário. Diretor e Editor: Bruno Schirmer | Sub Diretor: Lenhart Robert Schirmer
Rua Duque de Caxias 1295 | Rua Garibaldi, 1086
97.100 Santa Maria - RS. - Brasil | 90.000 - Pôrto Alegre - RS.

EDITORIAL

Com grande alegria e emoção, entro hoje em contato direto com os apicultores e estudiosos do Brasil e do mundo, através deste jornal «A Colméia», do qual fui nomeado Sub-Diretor.

Sinto-me feliz, porque posso acrescentar aos caros leitores que «A Colméia» não nasceu para o Diretor e menos para o sub-Diretor, mas sim, para os apicultores, para a apicultura, para o amparo da abelha mansa e produtora européia e não para as abelhas assassinas e criminosas e nem para os propagandistas da mesma.

Saibam desde hoje, que o jornal «A Colméia» está sendo editado pa-



Aparelho de inseminação artificial de rainhas da autoria do Dr. Harry H. Laidlaw.

ra nossos caros leitores, nós o imprimimos para vós, procurando sempre melhorá-lo, para informar mais. Não queremos aparecer sábios e escrever sempre idéias pessoais. Queremos transmitir nossa experiência e nossos conhecimentos para prevenir e ilustrar aos nossos leitores.

Pedimos e aceitamos de bom grado a colaboração de quem quer que seja e que queira colaborar conosco, apontando nossos erros ou enviando-nos trabalhos úteis e honestos para serem publicados.

Entidades apícolas, cientistas e apicultores experimentados, saibam que há sempre uma coluna disponível no jornal «A Colméia», para ser preenchido com trabalhos honestos de nossos leitores. Se os trabalhos dos colaboradores aumentarem, nós aumentaremos as páginas.

Assim andando e colaborando juntos, formaremos novamente uma grande união da massa apícola brasileira. E todos nós e mais aqueles que reconheceram o nosso sagrado esforço, seremos fortes e muitos, para atrair a atenção e a confiança dos dirigentes do nosso país, para nos atenderem e ajudarem. O laço que nos une e nos estimulará serão as páginas de «A Colméia», obra e esforço de um só homem, para divulgar a verdade sobre a apicultura brasileira, florescente em outras épocas, agora na ruína total.

Para reerguer novamente uma apicultura florescente nasceu o jornal «A Colméia», único no Brasil, em cujas páginas encontramos as verdadeiras verdades sobre o flagelo apícola do nosso vasto território brasileiro. Não vamos nos referir ao flagelo econômico que esta destruição significou para muitos apicultores, mas os tristes acidentes, onde pessoas alheias a tudo e inocentes, perderam suas vidas, acidentes estes apresentados em todas as manchetes do Brasil.

Tudo seguia sem solução e sem meios para enfrentar o problema, se já não material, mas pelo menos es-

clarecimentos e orientação.

Assim nasceu o jornal «A Colméia», em cujas páginas todos podem saber o que aconteceu com nossa apicultura, nossas abelhas mansas de antes, nosso mel que fluía abundantemente.

Tudo isto ainda é pouco, se mencionarmos o grande prejuízo que iremos sentir um pouco mais adiante, quando entrar a crise da falta de frutas e leguminosas, na falta dos insetos polinizadores, que são as abelhas, porque a abelha bastarda africana não se manterá, ela declinará e desaparecerá mais cedo ou mais tarde. Então iremos, não só importar o mel, como há alguns anos já está acontecendo, mas importaremos até furtas e outras coisas mais. E depois importar ou criar uma raça nova aqui mesmo e começar tudo de novo em meio dos escombros, para sanar um erro que virou em «peste continental» e o pior de tudo, ainda se está divulgando um tamanho flagelo, em vez de dar um fim definitivo, de uma vez por todas.

Para isso nasceu «A Colméia», para orientar e informar a todos a verdade, que durante anos, nos quais os pseudo-entendidos sempre tinham acesso direto nos jornais e revistas e escreviam as «mentiras gordas» e se formaram mitos; eles mitos e gênios, enquanto os compatriotas declinavam na fome, desgraça e morte, esmagando a apicultura e a economia nacional.

Mas agora sabemos a verdade, porque a verdade se demonstrou, e com a vossa colaboração, com a vossa ajuda, andando sempre na verdade, nós venceremos.

Meu muito obrigado a todos aqueles que lutam para reerguer a apicultura nacional.

Lenhart Robert Schirmer

Warwik Kerr, o introdutor da abelha africana, tenta processar o Diretor de «A COLMÉIA» por este ter escrito a verdade sobre esta abelha.

(Dr. Harry H. Laidlaw — Department of Entomology of Entomology-University of California-Davis, — California — 95616 — U.S.A.)

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, no mês de dezembro de 1970, publicou mais um livro sobre inseminação artificial de rainhas de abelhas, escrito pelos Drs. Otto Mackensen e Kenneth W. Tucker.

Este foi mais um passo dos cientistas, para informar ao povo americano mais e melhor para elevar a apicultura norte-americana e eventualmente a economia nacional.

Este livro vende-se por U\$ 0,25 cents (vinte e cinco centavos de dólar). Os leitores que leem em inglês e que desejam adquirir este livro, devem enviar, através do City Bank a importância de U\$ 0,25 cents mais 0,75 cents, para despesas de correio, ao Superintendent of Documents, U. S. Government Printing Office-Washington D. C. 20402 — USA, e uma carta explicando que o pagamento se refere para o Agriculture Handbook nº 390, Instrumental Insemination of Queen Bees.

E já que estamos em luta contínua, combatendo a abelha africana, sempre devemos saber mais sobre a criação de rainhas. Por que o problema não criar rainhas, mas como criar rainhas. Por isso devemos sempre ler livros, e bom livros.

«A Colméia» recomenda aos leitores as seguintes obras em inglês: 1) Queen Rearing — por Harr y H. Laidlaw, Jr e J. E. Eckert; 2) Better Queens — por Jay Smith.

Estas duas obras podem ser adquiridas através da Dadant and Sons-Inc. — Hamilton-Illinois, 62341 — U.S.A.

Através da: Apimodia — Corso Vittorio Emanuele, nº 101 — 00186 Roma — Itália

Os leitores podem comprar o livro **Inseminação Artificial das Rainhas**, redatado pelo Prof. Dr. F. Ruttner, nos idiomas: inglês, alemão, francês e russo, pelo preço de U\$ 2,00 dolares americanos, por exemplar.

- A — Microscopia asterooscópica
- B — Refrator
- C — Seringa Mackensen
- D — Manipulador de Seringa
- E — Agulha Plástica
- FG — Manipulador de Rainha

COLABORAÇÃO

Para se escrever a respeito da vida desse inseto, que se chama abelha, é preciso um vasto conhecimento acerca da sua vida e dos seus costumes. Não sou um naturalista consumado, porém como amador, venho desde criança, interessando-me pelos alados produtores do mel delicioso que sempre foi tido como um dos grandes alimentos que a humanidade conhece, desde os idos tempos dos faraós, que o usavam como remédio para a cura de seus males e que eram poucos... até nossos dias.

Na Ásia já era bastante desenvolvida a criação das abelhas, quando a Europa ainda dormia na ignorância do seu aproveitamento integral, mantendo os enxames em tocas e rudes colméias, até que, com o andar dos tempos aperfeiçoando e incrementando as espécies que variaram de acordo com o seu habitat, dando-nos algumas origens que marcaram as suas qualidades de boas produtoras de mel e seus derivados. Mas, para se chegar a um perfeito conhecimento, foram necessárias muitas e muitas vigílias por parte de verdadeiros cientistas, que organizaram roteiros de trabalhos, examinando de perto todo movimento da vida organizada e trabalhosa das abelhas, que eram e continuam sendo uma das maiores colaborações da natureza para a nossa sobrevivência.

Assim, pois, constatou-se que as abelhas formam um conjunto, um organismo único, composto de muitas partes. E dizem os sábios que uma colméia, ainda criança, quando enxameia, passa da adolescência à maturidade, produzindo novos enxames e, finalmente, declina na quietude do inverno. Quando uma colméia é ferida pela fome ou saqueada, pode sofrer e gemer de agonia, depois na luta para reviver, renovar-se por um processo de cura semelhante ao de qualquer outra criatura febril.

Uma série de descobertas extraordinárias nos leva ao conhecimento de que qualquer abelha pode envelhecer rapidamente e mais inacreditável ainda, pode também ficar jovem! A abelha estéril pode por ovos; a senil poderá rejuvenescer as glândulas que se atrofiaram, realizando o impossível para manter a integridade da colméia.

Para podermos examinar, com todos os requintes, a vida das abelhas, devemos observar o interior de uma colméia silvestre, típica, alojada no oco de uma árvore.

Há sempre uma entrada principal com diversos favos de lustrosos alvéolos de cêra, pendentes no lado de dentro da porta. Alguns favos contém mel, outros pólen. Um ter-

ceiro tipo de favo, o da criação, contém as larvas — abelhas imaturas, sem asas e sem patas.

Cada colméia possui uma rainha, uma abelha maior que põe até 3.000 ovos por dia. Nesta colméia existem os zangões para a fecundação das jovens rainhas virgens, quando elas chocam durante o período do sexualmente fértil da colméia.

A maioria das abelhas de uma colméia, de 20 a 40 mil, são operárias que executam uma variedade de tarefas específicas. Uma é amamentar, administrar «leite de abelha», rico em proteínas, formado por glândulas especiais, existentes nas cabeças das abelhas alimentadoras.

Para fazer a cêra há um outro processo. Nesse processo as abelhas comem mel e pólen, que é convertido por glândulas especiais em cêra. Com os espinhos que teem nas patas trazeiras, elas tiram as escamas de cêra que se projetam das bolsas que teem no abdômem e levam-nas à boca. Depois mastigam e moldam a cêra em alvéolos hexagonais que formam os favos.

As operárias também saem à procura de pólen e néctar. O néctar é dado às abelhas «receptoras», que o convertem por meio de glândulas especiais de secreção, em mel e o armazenam no favo.

Devemos observar que algumas operárias servem de sentinelas à colméia, admitindo somente as forrageadoras que pertencem à mesma, sendo reconhecidas pelo odor, sentido pelos 12 mil órgãos olfativos localizados na antena.

Quando aparecem abelhas estranhas, são imediatamente mortas pelas sentinelas. Completa a lista das obrigações cotidianas, a renovação do ar da colméia, a construção dos alvéolos e a limpeza geral.

A medida que os apicultores foram tomando conhecimento de todas estas tarefas, surge uma pergunta: Como sabem as abelhas o que teem de fazer? Que inteligência lhes diz que a colméia precisa de mais alvéolos para procriação ou de um novo elemento para sentinelas? Como se orientam na procura do material necessário?

Este assunto será matéria para a continuação destas nossas observações e que iremos ampliar com as lições que vamos tendo de cientistas europeus.

José Pacheco de Abreu

Instruam-se em apicultura lendo o melhor livro brasileiro "APICULTURA"

por Manoel Bernardo de Barros
Pedidos: Livrarias ou
Serviço de Informação Agrícola
Ministério da Agricultura
20.000 — Rio de Janeiro — GB.



FALANDO DE LIVROS PRIMEIRO GONGRESSO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE APICULTURA

Para ajudar os nossos leitores, apresentamos uma relação completa com nomes e endereços das várias revistas apícolas em diversos idiomas.

1 — **Gleanings in Bee Culture** — Preço: 4,75 dólares por ano. Publicação mensal.

Endereço: The A. I. Root Co. Publishers, Medina, Ohio 44256, USA;

2 — **American Bee Journal** — Preço: 4,75 dólares anuais. Publicação Mensal.

Endereço: Dadant & Sons, Inc. Hamilton, Illinois 62341, U.S.A.

3 — **South AFRICAN Bee Journal**

Endereço: 2 Hollings Road, Malvern, Natal, South Africa;

4 — **Melissocomiki Hellas** (em grego) — Preços: 5,00 dólares, 12 números anuais.

Endereço: Rua Anargyron, 18 Kallithea — Thessaloniki, Grécia.

5 — **The Australasian Beekeeper** — Preço: 4,80 por ano.

Endereço: «A.B.K.» P.O. Box 20, Maitland, N. S. W 2320, Austrália.

6 — **Australian Bee Journal** — Preço: 4,00 dólares por ano.

Endereço: «A.B.I.» P.O. Box 282, Warrandyte 3113, Austrália.

7 — **Apiacta** — Revista técnica de apicultura internacional. Edição trimestral em inglês, francês, alemão, rusos e espanhol. Preço: 4,00 dólares.

Endereço: Apimondia — Corso Vittorio Emanuele 101, Roma, Itália.

8 — **Journal Suisse D'Apiculture** —

Endereço: Pillichody 3, Le Locle, Suíça.

Continuação no próximo número

POESIAS

Era uma velha triste, empertigada,
Que à tardinha, apoiada num bastão,
Passava devagar, mansa e calada,
Sempre impassível, pelo meu portão.
E ao vê-la assim, ativa, a garotada,
Dava árras a triste inclinação,
De apupá-la... e, ela, sem vacilação,
Prosseguia serena, imperturbada.
Um dia interferi na abruta lida...
Disse-me, num sorriso meigo e pro-
/fundo:
Deixai os pequeninos... isto é a vida.
Tive um filho... perdi-o, e, como lou-
/ca,
Busco ainda, sozinha, pelo mundo
Um netinho que adoce minha boca.

Oscar Monteiro

Dentro de um livro,
Uma folha

Que o tempo já ressecou:

— É a página bonita

De um romance que acabou...

Sylvia Patrícia

Por que foi realizado em S. Maria?

A Confederação Brasileira de Apicultura foi fundada no dia 28 de janeiro de 1968.

Em 2 de dezembro de 1969, o Presidente Hugo Muxfeldt, renunciou por Ofício. No dia 5 de dezembro do mesmo ano, o 1º Vice-Presidente, Bruno Schirmer, assumiu a direção. Nesta ocasião, o Secretário Geral e o Relações Públicas declararam-se solidários ao presidente renunciante, renunciando verbalmente.

O ex-Presidente negou-se preempitivamente a prestar contas da sua gestão, movendo uma campanha difamatória contra o 1º Vice-Presidente, no exercício da Presidência.

Em 8 de maio de 1970, houve o Congresso de Florianópolis, que não tinha nada a ver com o Congresso da Confederação Brasileira de Apicultura. Em Florianópolis, apicultores alheios à Confederação, tentaram forçar eleição ilegal, contra o Estatuto registrado da Confederação.

A Diretoria da Confederação, nunca recebeu credenciais das filiações nomeando seus representantes, nunca recebeu um pedido de inscrição e o que é mais importante para realizar eleições, esta Diretoria nunca recebeu a devida contribuição das filiações fundadoras, portanto ninguém tinha direito de voto.

Assim mesmo, organizaram um complot contra o Presidente em exercício para forçar eleições ilegais.

Por força de lei, a Confederação estava morta, primeiramente por que até 5 de dezembro de 1969, ainda não havia sido lavrada nenhuma ata de reunião, além da Ata de Constituição.

Voltando de Florianópolis, o Presidente em exercício, convocou os legítimos representantes da Confederação, que são os Constituintes, em maioria absoluta.

Em convenção, ficou combinado pelos constituintes, que se realizaria o 1º Congresso em Santa Maria, porque ali residia a maioria dos representantes.

Planejou-se uma reforma dos Estatutos e a homologação do Regimento Interno da Confederação, já aprovado em 30 de março de 1970, em Pôrto Alegre, em reunião de Diretoria.

Realizou-se o Congresso da Confederação, no dia 22 de maio de 1970 com a maioria absoluta dos Constituintes da Confederação Brasileira de Apicultura. Foi reformado o Estatuto, publicado no Diário Oficial, e averbado no Registro em Cartório.

Foi restabelecida a legalidade da Confederação Brasileira de Apicultura, pelos seus legítimos representantes, os Constituintes.

Creemos que nos n.ºs seguintes «A Colméia», transcreeveremos na íntegra a Ata do 1º Congresso da Confederação Brasileira de Apicultura. Pedimos aos leitores que se manifestem, se desejam conhecer esta Ata e sobre o que mais desejarem ser informados.

Creemos que as autoridades, o povo em geral, os apicultores, devem saber o que se passou por trás dos bastidores desta Confederação, que é uma entidade civil, de âmbito nacional, que foi salva da morte pelo 1º Congresso da Confederação, em Santa Maria.

Bruno Schirmer — Presidente

RECLAMAÇÕES

Temos em «A Colméia» um serviço de expedição bastante perfeito. Por exemplo: os assinantes que pagaram sua assinatura, logo que a última página sai da máquina, começamos a dobrar os exemplares. Estando os primeiros 500 exemplares dobrados, começamos a escrever, nominalmente os endereços e selar. Em cada nome no caderno, fazemos um traço, que representa o número expedido.

Porém pode ocorrer um lapso, que haja um erro no número da casa ou outro extravio do jornal.

«A Colméia» faz a seguir proposta: o assinante que até o dia 10 de cada mês não receber o respectivo número, nos escreva, que receberá imediatamente o número faltante e na volta do Correio, receberá um envelope selado, em retribuição às despesas feitas.

O estrangeiro ou nos outros Estados, onde a correspondência de superfície demora mais, que tenham mais paciência, porém, quem não recebeu seu número de «A Colméia», por favor, deve reclamar, que preferimos enviar dois exemplares, do que deixar faltar um.

Tem acontecido que, vem diversos jornais de volta, com o carimbo; ao Remetente, ou não procurado, os assinantes que pagaram suas assinaturas, e, que não recebem regularmente cada número, precisam reclamar, retificar seus endereços.

A COLMÉIA está sendo distribuída, sempre no mesmo dia, quando as primeiras últimas folhas começam sair da máquina.

Ninguém pode, nem deve ficar na falta de um número.

f2 vem a natural decadência da produção.

Com a hibridagem pode-se fixar caracteres e isto só pode ser feito por genetistas de verdade, não por leigos e muito menos por pseudo-genetistas.

É muito bom e interessante trabalhar com abelhas híbridas, porém nunca com híbridas ocasionais, uma híbrida ocasional, naturalmente poderá ser uma boa rainha por acaso.

Hibridação, portanto, só poderá ser feita por entendidos na matéria, do contrário, vem o contra, assim como o colono que plantou o milho do híbrido que colheu.

Pela hibridação o Brother Adam conseguiu 30% a mais na produção. Não quero duvidar, mas pergunto: 30% sobre que espécie de abelhas?

Por isto e muitas outras razões, os leigos devem abster-se de querer introduzir aqui a Buckfast-Bee.

No jornal «As Abelhas», de Portugal e na Revista «O Apicultor» nº 1 veio um artigo de nossa autoria, intitulado: A Origem das Raças de Abelhas, no qual nos referimos ao trabalho do Brother Adam e da Buckfast-Bee, com a observação que ainda podemos subscrever.

Falando em endossar verdades, podemos dizer que o que hoje consideramos verdade amanhã poderá ser reprovado, como acontece frequentemente em apicultura.

Quando Brother Adam escreve sobre a técnica mecânica de apicultura ele não está certo.

Em comparação, na página 12, na introdução de seu livro, ele escreve o disparate, dizendo que devemos considerar encerradas as conquistas técnicas em matéria de apicultuar, que já se chegou ao completo aperfeiçoamento.

Sómente um homem com um cérebro unilateralmente desenvolvido pode pensar dessa maneira.

O que seria do nosso futuro se muitos pensassem no aperfeiçoamento completo da técnica apícola? Não seria isto regredir ao tempo do muro chinês, os quais se fecharam dentro do muro, enquanto o mundo

De Portugal - AS ABELHAS

Excelente jornal de apicultura
15 anos de existência
todos os apicultores brasileiros
devem assinar este mensal
sário, cuja assinatura anual
custa somente 40 escudos.
Pedidos por intermédio de
A Colmeia

à sua volta evoluiu?

Se eles tivessem colaborado com sua ciência com o mundo, onde estaríamos hoje?

Pobre e valente Brother Adam, considera que a técnica em materiais apícolas chegou ao auge. Ainda não se chegou e creio que nunca chegará, porque sempre ter-se-á mais alguma coisa a descobrir.

Parar é retroceder, isto já há 100 anos escreveu o autor Luwdwig Huber sobre a colméia de Dzierzon.

Nada de parar, avante sempre, cada qual no seu setor, porém consultando sempre, para que não se trilhe caminhos velhos, já trilhados.

Por esta e outras razões resolvemos editar o jornalzinho «A Colméia», que promete ser um grande passo à frente para a apicultura.

Voltando à Buckfast-Bee, este é um passo à frente, porém, cuidado! Ela é boa para as condições de Israel, porém para o ambiente brasileiro recomendo cuidado e abstenção, antes de ouvir os verdadeiros observadores ou os verdadeiros genetistas.

Finalizando este comentário sobre a Buckfast-Bee, temos para dizer que esta foi conseguida com o cruzamento cientificamente dirigido. Porém, quantos cruzamentos impróprios ou errados fez o Brother Adam até chegar à Buckfast-Bee? Quanto tempo esta cruza se mantém na altura da produção de 30% superior às outras abelhas?

O célebre Prof. Dr. Ludwig Ambruster escreveu que as raças estão aí para serem cruzadas.

Por este e muito outros motivos confirmo o que disse em linhas atrás, que parar é retroceder. Devemos sempre, pesquisando, estudando e sempre inventando novos métodos, digo, estudando o que já foi inventado.

Deve-se cuidar para não acontecer de perder tempo em descobrir coisas já usadas há um século ou mais. Houve um descobridor que redescobriu um sistema de colméias, que na Grécia já estava em uso há uns três mil anos antes.

Ainda por estes motivos repito aqui as minhas palavras: «Parabéns valente Brother Adam, você fez um serviço pioneiro de alcance mundial.

Felicito o Ministério da Agricultura de Inglaterra, que arcou com as despesas das viagens do Brother Adam ao redor da Europa, norte da África e Oriente Médio.

Na apicultura americana temos bastante conhecimento por experiências e viagens próprias.

No continente americano os Estados Unidos tem uma apicultura mais avançada que os outros países.

A Alemanha está muito na frente na apicultura dos países da Europa, África e Ásia. Em laboratórios de pesquisas apícolas a Alemanha está à frente de todo o mundo, em assuntos genéticos, sanitários e principalmente no campo literário apícola, e nesse campo, declaro sem errar que a Alemanha jamais será superada.

Podem aniquilar os homens alemães, porém o espírito científico permanecerá, principalmente em apicultura, que é o motivo de nossa história.

A literatura apícola que a Alemanha possui é muito maior que a literatura mundial junta.

No mundo, atualmente, calcula-se umas seis mil obras de apicultura.
Bruno Schirmer

Ensino da apicultura nas escolas primárias - Pioneirismo

O Governo brasileiro deve decretar o ensino da apicultura nas escolas primárias e secundárias como matéria obrigatória, visto o grande valor da apicultura, que é estimado em 60% na alimentação da humanidade.

Seremos os pioneiros

“A Colmeia”

Inquérito

Milhares de apicultores brasileiros, por intermédio de “A Colmeia”, reclamam, a quem de direito, a abertura de um rigoroso Inquérito Parlamentar, Militar e Policial, para apurar os verdadeiros responsáveis pela destruição da apicultura brasileira.

O Diretor de “A Colmeia”, precisa assistir, como colaborador e informante, o desenrolar deste inquérito, com a viagem e diárias pagas pela Comissão.

MOTORES ELÉTRICOS E EQUIPAMENTOS



PRONTA ENTREGA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

FRIEDRICH & REOLON LTDA

AV. ALBERTO BINS, 869
FONE: 24-5138 - P. A.

Não boicote a “A Colmeia” pois seus filhos e netos poderão se envergonhar mais tarde de você

Excursão à Europa em procura da abelha *Nigra Apis Mellifica Mellifica* Cap. 7.

como convidado de honra. Pontualmente cheguei ao local da partida, a recepcionista, quando viu o cartão, disse: «Nós já estávamos lhe esperando». A mesma frase eu já ouvira muitas vezes.

Embarcamos no ônibus, que lotou completamente. Saímos, o guia, com um microfone falou em alemão, inglês e francês, perguntando: «Todos compreendem o que eu digo?» Manifestou-se uma senhora em alemão, dizendo que sua vizinha era mexicana e fizera sinal que nada entendia.

O guia perguntou se entre os presentes havia alguém que falava o espanhol. Esperei, como ninguém se manifestasse, então eu respondi que eu falava o espanhol.

Trocamos de lugares, uma senhorita de uns 50 anos sentou-se ao meu lado. Conversamos e ela disse-me que era da cidade do México. Falava só o espanhol e estava fazendo uma tournée sozinha pela Europa. Lamentei o fato de que ela não podia aproveitar na devida forma o passeio. Ela disse que bastava ver as coisas «com os olhos», sem entender as palavras. Digo a verdade, para mim foi a tarde mais chata de excursão. A vizinha, nem esperava o locutor dizer alguma coisa, que eu já tinha que explicar.

Era a 3ª vez que eu ia à esta cidade e nesta tournée voltamos à diversos lugares, já meus conhecidos, assim pude explicar-lhe sobre o «Castelo do Banhado», a antiga residência dos reis. Era construído dentro do pântano, que antigamente era acessível só pelo atêrro e pela ponte elevadiça.

Hoje está drenado e aterrado com belas avenidas arborizadas, porém o Castelo continua, como patrimônio histórico nacional.

Fomos, além de muitos lugares, ao Kielesberg, principal lugar turístico, juntamente com a torre, chamado «Belvedere» (Fersehturm), que também já era meu conhecido.

Em toda parte eu andava «à tiracolo» com a mexicana, cujo nome logo esqueci, nem tomei nota.

Expliquei-lhe, lá encima da torre, que para um determinado lugar que eu apontava, ficava a Floresta Negra e o Odenwald.

Descemos pelo elevador da torre, fomos sentar no ônibus, para conversar sobre esta cidade e outras, que não se deve viajar sem um interprete, se não se conhece a língua estrangeira. É como uma viagem

feita no escuro, com a diferença, que se vê e não se pode perguntar.

Após a chegada dos outros passageiros ao ônibus, descemos pelo Morro do Diabo (um morro encima do outro), com uma grande cruz no centro, para fins históricos. Lá foram despejadas com caçambas, toda sucata das construções, demolidas pelos bombardeiros americanos, para desmoralizar o povo resistente. Surgiu assim o Morro do Diabo.

Passamos pelo Jardim Botânico, onde tem belezas extraordinárias, inclusive a Vitória Régia.

Chegamos ao fim da linha e com ligeira despedida todos desapareceram.

Dia 25/8/66 :

Quinta feira às 7 horas fui à estação Central, tomei o trem para Basileia, lá passei o resto do dia. É uma bela cidade, de ambos os lados do Reno, com lindas pontes de cimento armado. O caudaloso rio azul, com grandes corredeiras atravessa a cidade, pertinho da fronteira alemã, abaixo da cascata do Reno, que será descrita cronologicamente.

Basileia é conhecida mundialmente como uma cidade alemã na Suíça. Possui o mundialmente famoso laboratório de produtos químicos e creio que a casa dos escritórios da Ciba, é a casa mais alta da Basileia, que fica bem pertinho da fronteira francesa.

Do lado francês, logo além da divisa, foi feito um canal de navegação, mais ou menos 100 metros do Rio Reno, costeando o rio, centenas de quilômetros, porque o caudaloso rio é acidentado, com muita correnteza. Se a França limpasse o rio, a navegação alemã também o aproveitaria, porém, estes dois países estão em disputa secular.

Por isso, mais tarde, em Freiburg, eu disse aos franceses, que a injustiça vem da parte dos governos, não do povo, e desta nossa conversa, surgiu o «slogan»: As abelhas unem povos e classes.

Na margem esquerda do rio, perto da ponte, tem casas, cujos ali-cercos são construídos dentro da água do rio, que tem bastante correnteza neste lugar.

Almocei bem (meio frango, batatas fritas, salada e como sobremesa um copo de leite). Fiz tournée pela cidade e à tarde após as 6 horas, embarquei de volta à Freiburg, onde cheguei com chuva.

Meu quarto já havia sido reservado na casa dos Estudantes, que estavam em férias (Lehrlingsheim), dirigido por freiras católicas).

Nos dias 26, 27 e 28 haveria o Encontro Alemão de Apicultura, em comemoração ao primeiro centenário da fundação da Associação Freiburgense de Apicultores.

Chegando à Freiburg, pergun-

tei onde eu podia jantar, indicaram-me um restaurante, fui lá e estava fechado, devido as férias. Perguntei a um transeunte onde tinha um restaurante, o mesmo acompanhou-me até perto do local, passando pelo quartel general francês, das tropas de ocupação. Na rua nunca vi um soldado frances, como na zona americana, que confraternizam com os vencidos.

À noite chegaram meus amigos de Stuttgart, depois que eu já tinha jantado. Como eles não tinham jantado ainda, levei-os ao restaurante, que eu estivera antes, no qual, durante toda nossa estadia em Freiburg, fizemos nossas refeições.

Os festejos estavam programados para três dias.

Dia 26/8/66 :

1º dia do Encontro. Descrevo aqui, somente o que se passou ao redor de minha pessoa, não de toda a festa de três dias.

Em geral, os visitantes alemães, de todas as províncias, foram em número exato de 3 mil, todos apicultores.

Havia representantes da França, da Suíça, de Luxemburgo, da Áustria, do Iran, do Chile e eu representava o Associativismo Brasileiro.

A primeira coisa que fiz, foi apresentar-me aos expositores de apetrechos de apicultura, de livros e de medicamentos apícolas e antireumáticos. Dêste último foi o Dr. Forster, com quem tive longas palestras, inclusive ele conhecia o Rio de Janeiro, e Santos, havia sido médico de bordo de um transatlântico.

Com o Iraniano e o Chileno, fiz camaradagem especial, posteriormente perdemos o contato. Fiz muita amizade com o casal Bernhard Riedseche, fabricante de prensa de cêra, cilindros manuais e automáticos, máquinas automáticas a vapor, para purificação de cêra, máquinas automáticas para preparação de cêra lisa, para ser posteriormente cilindrada, é a melhor e mais bem montada fábrica do mundo nesta especialidade.

Fabrica uma máquina para cêra alveolada, automática, que custa 14.000,00 marcos. Para seu manêjo é necessário uma pessoa para repor a cêra no tanque e observar o andamento do serviço, graduando com uma alavanca o comprimento de lâmina, cuja largura é graduada com a chave de fenda, deslocando e fixando em menos de um minuto as carretilhas, onde passa a cêra laminada.

Também havia um museu improvisado, onde tinha um cortiço, que foi usado há mais de mil anos atrás, pelos romanos, quando ocupavam a Germânia. Tinha um Lüneburger Stülper (colmeia de palha dos Ursais de Lüneburg), com 800

Caro leitor, você ajudando-me eu também lhe ajudarei, e juntos reergueremos a apicultura Brasileira

anos de idade. Eu já tinha visto uma com 200 anos, nos Ursais, no apiário do mestre Koch.

O que realmente mais me impressionou foi a abelha *Adansonii*, uma verdadeira e bonita abelha, grande, tipo ligística, porém os anéis do abdômen são de um amarelo limão bonito.

Naquele momento, pensei na rafoagem bastarda, que o Kerr nos trouxe, dizendo-nos que é abelha *adansonii*.

Neste encontro Alemão, fui procurado por centenas de pessoas estranhas, tudo para mim era estranho, causou sensação a minha fala, perfeitamente alemã.

Aproveitando alguns dos intervalos, tomei o bonde e fui visitar o centro da cidade, uma das mais antigas cidades universitárias do país. Já havia sido universidade, quando esta cidade pertencia à Áustria há mil anos atrás. (Freiburger Universität).

Fui ao Freiburg Münster (catedral), construída com pedras de arenito, em 1164 subi pela torre, com 255 degraus mais 30, degraus para vistoriar os sinos de bronze, que são enormes de tamanho, o maior, com 2 metros de diâmetro, o peso não fiquei sabendo. (o big bell americano de ferro, não tem a metade de tamanho do de Freiburg).

Chegando lá encima, tive que pagar 1 marco pela subida, comprei uns cartões pelo dobro do preço do comércio local.

Lá ainda existe o sistema de elevador das pedras de construção, desta igreja, só vendo, escrevendo, não pode-se explicar.

É exaustiva a descida pelas escadas de pedras. Fiz tournee pela cidade, tem mais um morro para subir ao antigo castelo, de onde se enxerga a Floresta Negra de perto e de longe. Tudo é fabuloso, as vezes me parecia um sonho, que não era eu mesmo que estava ali.

Quando vi as pedras de arenito falquejadas das construções, pensei no meu passado, que foi com esta profissão de falquejador de pedras, que iniciou a minha vida, comprei o primeiro sapato e a primeira roupa de lã com este trabalho.

Assim passou-se o 1º dia em Freiburg im Breisgau. À noite fui jantar com toda turma de Stuttgart, naquele mesmo restaurante.

Eu aprendi a levantar mais cedo do que os outros, para não ser incomodado no banheiro (formidável táctica).

Dia 27/8/66 :

Dia tumultuosos de tão grande movimento, o dobro do dia anterior. O dia passou-se em sessões e discussões sobre os problemas apícolas do país, que não interessam aqui.

Tivemos novos conhecimentos

de apicultura de toda a Alemanha. Todos me procuravam, muitos queriam trocar umas palavras com o brasileiro. O que mais me impressionou foi um inválido da guerra, paralizado por uma bala na espinha. Movia o carro de roda com a mão e contou-me que cuida de suas abelhas, encostando o carro no fundo das colméias fazia a lida de certos enxames, sem a ajuda da esposa.

Este homem estava em toda parte, com o aparelho fotográfico, sempre pronto a fotografar, sempre rindo e feliz.

O sogro e a esposa o tinham levado de automóvel há mais de 300 km de distância.

Apresentaram-me um sócio efetivo da Associação Freiburguense de Apicultura, que entrara como sócio, em 1906, com o qual eu fiz boas relações de amizade.

Sábado à tarde, como já estava programado, fomos visitar uma cooperativa vinícola, em Breisach, uma cidade sobre o Reno, a maior cooperativa vinícola do mundo, com 16.000 sócios efetivos produtores. Esta cooperativa produziu, em 1965, 40 milhões de litros de vinho, de diversas variedades, cujo preço varia de 6 a 16,00 marcos por litro.

Estávamos sendo esperados pelo Presidente. Fomos em ônibus e muitos automóveis lotados de visitantes, primeiramente entramos por um lado, onde tinha os barris de aço esmaltado, de 60.000 litros cada um, empilhados em estaleiros, com vigas de ferro, sobrepostas em 5 andares.

Estes barris tem a finalidade de envelhecer o vinho «artificialmente», refrigerando todo ambiente durante três semanas, com frio de inverno, até depositar nos lados do barril todo ácido tartárico.

Mostraram-nos os antigos barris de carvalho, em um enorme porão, onde se guardava o vinho antigamente. Explicando: hoje estes barris fazem parte do patrimônio histórico; após a descoberta do aço inoxidável e a confecção dos grandes barris de aço esmaltados, estes são obsoletos, devido à porosidade da madeira, que modifica o vinho de ano em ano, o que não acontece com nossas instalações atuais.

Passamos por corredores de «tanques» de 60.000 litros, chegamos a um quadro (salão grande), onde tinha um barril de aço inoxidável, com capacidade para 1 milhão de litros. O Presidente disse que havia mais três destes tonéis em construção.

Após a aprovação do aço inoxidável, eles desejam, futuramente fabricar à medida que fôr necessário, seus depósitos à granel, em aço inoxidável. As chapas de aço inoxidável são testadas com ultrassom, arcadas com máquinas especiais e

soldadas, como foi mostrado nos tonéis em construção. As chapas de aço possuem 1 cm de espessura, soldadas com eletrogênio, solda especial, duplamente reforçada.

Imagine-se se um tonel de um milhão de litros rebentasse? Porém, o primeiro aprovou e os outros três em construção serão iguais.

Passamos pelo engarrafamento automático, vimos rólhas, pré-preparadas com segredo patenteado, que não há mais necessidade de as garrafas ficarem deitadas. São colocadas em caixas de uma dúzia empilhadas, à espera dos carregamentos, que a maioria é feita em vagões, à razão de 100 mil litros por dia. Este carregamento é feito por dois operários, que não põem a mão para levantar uma caixa sequer. Tudo é feito automaticamente, desde o despejo da uva em caçambas, ninguém mais põe a mão.

Subimos numa escada alta, para o salão de festas. Havia um cordão de mesas para banquetes de luxo, em linha reta, com os cálices para vinho. O Presidente mandou-nos sentar e ele de pé, começou a falar, ensinando-nos como se deve tomar o vinho. Disse que deve ser «degustado», não tomado como cerveja. Estavam ali reunidas, as moças mais elegantes e bonitas da cidade, para servir os vinhos para os visitantes apicultores. As moças ofereciam esta e aquela qualidade e disse-nos o Presidente, que lá se fabrica 120 qualidades de vinho, que o vinho nunca é igual ao do ano anterior.

No ano em que dá muita cerração em setembro, se desenvolve a «*potritis nobilis*», é quando dá o melhor vinho.

Todos tomaram o vinho em abundância, eu, quando passei a mão pela testa, senti a pele amortecida, era o sinal que devia parar. Por mais bonita que fôsse a senhorita que credenciava o vinho, eu tinha que agradecer-lhe, já havia tomado demais.

No final, o Presidente franqueou, com preço especial, por 10,00 marcos uma pasta de papelão, contendo três garrafas de vinho, que todos visitantes adquiriram. Perguntei se eu podia ficar com duas pastas por 20,00 marcos, foi assim que eu trouxe 6 garrafas de vinho do Reno, para Santa Maria.

O apicultor, inválido de guerra, sempre estava junto a nós, auxiliado nas subidas, pela esposa e sogro.

Um assunto digno de referência foi um discurso do Rev. Edmundo Herold, apicultor e escritor apícola, feito em poesia trovada, de improviso, prestei muita atenção. Após o término, fui o único a felicitá-lo, dizendo: «Prestei muita atenção, o Sr., fez este discurso de improviso, muito não se dão conta. Respondeu;

Quem é brasileiro siga-me "salvaremos a apicultura." A COLMÉIA

esta é uma dádiva de Deus, que poucos têm o privilégio de ter».

Já era altas horas da noite, quando nos retiramos, todos com o vinho na cabeça, chegamos à Freiburg após a meia-noite.

Dia 28/8/66 :

Começaram os festejos do Encontro às 9 horas da manhã, com o salão repleto de autoridades e muito mais de 3.000 apicultores.

O Ministro da Agricultura abriu a sessão com um discurso, dizendo que na fazenda de seu pai, em sua juventude, êle também cuidava de abelhas e hoje, pelas estatísticas, êle sabe que a apicultura contribui com 60% da alimentação da humanidade, sendo o principal produto da apicultura, a polinização cruzada, como prova a estatística do ano de 1965.

Nos estados de Baden-Württemberg, tem 360 mil colméias, cujo produto de mel e cera deu um valor de 20 milhões de marcos, lucro direto dos apicultores e deu, como provou a estatística, 200 milhões de marcos a mais, em frutas e leguminosas, lucro dos agricultores. Portanto é uma apicultura bem dirigida, dá vida e lucro para a Nação.

Compreende-se assim o grande interesse do estado, no desenvolvimento da apicultura.

Após o Ministro da Agricultura, seguiram-se muitos oradores, eram todos meus conhecidos, inclusive o Dr. Kaeser de Celle. O Presidente da Federação, Dr. Gnädinger, era o apresentante oficial.

Após quando falaram os oradores inscritos, foram convocados os hóspedes estrangeiros para dirigir a palavra aos presentes. Primeiramente falou o francês, após o suíço, o austríaco e outros. Para encerrar, fui convidado para dirigir breves palavras aos apicultores presentes.

Num rápido momento, formei um improviso para ganhar tempo, dizendo que fazia minhas as palavras de gratidão e bom augúrio, pronunciadas pelos meus antecessores, franceses (que foram dois), suíços e outros.

Falei da viagem, à procura da abelha Nigra e Heidebiene, disse-lhes que fôra por minha conta e risco, que fui recebido pelo povo alemão com uma cordialidade fraternal, que ainda me emocionava, fui tratado por gente estranha, que não sabiam que eu era brasileiro nato, minha gratidão era extensiva a todo povo alemão, além dos apicultores.

Falei mais tempo do que eu queria e menos do que os espectadores desejavam ouvir. Foi esta a minha vitória, fui na verdade o mais aplaudido. Quando desci do palco, veio ao meu encontro um senhor de fina apresentação, cumprimentou-me e disse que o Ministro da Agricultura de-

sejava falar-me. Respondi: «O Sr. Ministro marque o dia e a hora, quando êle quizer eu estarei à disposição. O Sr. Ministro pode marcar o encontro com meu amigo Oberamtsrat Andris, assim fica tudo facilitado. Segunda feira devo visitar a fábrica do Sr. Rietsche, em Biberach e à noite voltarei para Stuttgart.

Continuação no próximo número

Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a apicultura no Rio Grande do Sul

È difícil a seleção de abelhas, por causa de zangões que se criam nas vizinhanças, mas com matrizes de rainhas trazidas de outros países, tem se conseguido melhorar.

O mel colhido na minha zona abastecia todo o comércio local, e mais algumas toneladas para a capital do Estado, Pôrto Alegre. Hoje o comércio local como nas demais cidades estão vendendo mel argentino, importado pela firma AGAPE S/A, de Pelotas, RS, se tal não acontecesse, não haveria mel para a venda, e além disso estão surgindo fábricas de mel artificial».

«... espero que os irmãos e colegas argentinos, principalmente os da Província de Buenos Aires, não caiam na ilusão das africanas, porque a natureza geográfica vos privilegiou, e por isto pode ser combatida com pleno êxito, isto se estiverem unidos e o govêrno der o apóio necessário.

A abelha africana é a maior praga que conheço, porque para se conseguir algo de útil é preciso esforço e capricho, e não vem por sí, como é o caso da africana, acredito que nenhum criador de rainhas queira trabalhar com núcleos africanizados, porque teria mais trabalho com 100 núcleos destes, do que com 1.000 núcleos italianos. Por tudo isto zelem e cuidem das abelhas, as quais os senhores vem trabalhando, porque se deixarem as africanas tomarem conta, nunca mais vão ter o que tinham».

Profa. Heloisa Dias de Mello — Secretária Geral da Confederação Brasileira de Apicultura, fez entrega à Subcomissão de um documento, onde relata a visita de dois técnicos do Chile ao Brasil, para estudarem «in loco» o fenômeno que ameaça invadir o seu país. São eles o Engº Agrº Luiz Susaeta, encarregado da produção de sementes de alfafa e trevo vermelho, uma das grandes fontes de renda daquele país, cujas sementes de forrageiras são largamen-

te exportáveis. E o Engº Agrº Julio Vicuña, também destacado entomólogo, que veio verificar se as abelhas africanas oferecerão perigo, como vínculo transmissor de enfermidades, em virtude de sua grande prolieração.

A Confederação Brasileira de Apicultura, foi de imediato, procurada pelos referidos visitantes chilenos, e, a seu pedido, logo entrou em contato com vários apiários locais, conduzidos pelo Presidente da Confederação, Sr. Antonio Trainini, e de cada lugar fizeram um levantamento minucioso, inclusive fotográfico. Em seguida viajaram para o Centro do Projeto de Apicultura de Santa Catarina e após para Ribeirão Preto, São Paulo. De lá para o Paraguai e Bolívia, por onde as africanas atravessaram as fronteiras e se alastraram assustadoramente. Os referidos técnicos, alarmados, já tem em projeto um modo de impedir a entrada das africanas em seu país, pretendem colocar colméias ao longo da Cordilheira dos Andes, nos lugares por onde elas podem invadir o Chile, contendo «iscas» envenenadas, pois ficaram apavorados com o que vieram em nosso Estado.

A Associação de Apicultura Canoense, através de seu programa de soerguimento da apicultura, manifestou a sua discordância a política de africanização dos apiários gaúchos. Essa Associação que congrega mais de mil apicultores programou também, a substituição a todas as «rainhas agressivas e africanas indesejáveis» por rainhas puras européias.

Ao findar o segundo período administrativo da Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul, no mês de maio do corrente ano, relatou as ocorrências que se verificaram durante os dois últimos anos de atividade. E entre tantos registros especificados, extraímos o que se segue: «Alguns são favoráveis ao aproveitamento das abelhas africanas com técnicas de seleção, outros são mais radicais, preferem a italianização de seus apiários.

Muitos ensaios foram realizados com a introdução de rainhas italianas, dos resultados observados chegou-se a uma posição conclusiva: a italianização das colméias exige prévia imunização dos apiários e combate sistemático às abelhas africanas nômades dentro de sua área de ação. E talvez até o zoneamento apícola será necessário, para preservar a sanidade do apiário italianizado. As doenças e o ataque das africanas são inimigos das colméias em fase de substituição das rainhas. Entretanto, cabe-nos alertar, como fruto de ensaios e observações, que a

PLANTE ÁRVORES. Sem abelhas não teríamos flôres, e sem flôres não teremos abelhas

substituição de rainhas africanas por italianas ou caucásicas, bem como suas atividades acessórias de imunização, combate às africanas alojadas nos matos ou campos e o zoneamento apícola, depende da aclimação das rainhas e da disponibilidade de medicamentos ainda não encontrados no mercado nacional, especialmente, os produtos Nosemak e Fumidil-B.

OBSERVAÇÕES

A Subcomissão através de depoimentos de centenas de apicultores, cartas-relatórios, visitas a locais apícolas, estudos, etc., observou que a apicultura no Rio Grande do Sul se caracteriza em duas fases: antes e depois do momento em que o Estado foi invadido espontaneamente pelos enxames de abelhas africanas.

Antes da africanização do apiário gaúcho, a produção de mel no Rio Grande do Sul era considerável, e se verificarmos os poucos dados estatísticos existentes, estaremos descobrindo essa verdade. Antes não importávamos mel. Hoje somos importadores.

Importamos mel do Uruguai, da Argentina e, também, agora, a Soenaldia importa 220 mil quilos do México. A Granja Carola, conforme publicação no Suplemento Rural do Correio do Povo, do dia 2 de abril do ano em curso, situada em Guaíba, fornecedora de mel para o Serviço de Subsistência do Exército, nos últimos anos teve a seguinte produção de mel: 1964: 18.796 quilos; 1965: 14.480 quilos; 1966: 12.970 quilos; 1967: 11.000 quilos; 1968: 5.968: 5.800 quilos; 1969: zero; 1970: 2.500 quilos. Em 1964/1965 a Granja Carola tinha de 400 a 500 caixas de abelhas; agora em 1970, tinha apenas 86 caixas.

Agora acrescentemos o fator maior, qual seja, o grande número de apicultores, profissionais ou amadores, que tiveram suas produções reduzidas numa escala de quase 85%. Muitos vieram a desistir, abandonando as lidas apícolas, outros entraram em falência, e outros colhem 20% para menos, do pouco que colhiam.

Isto nos mostra em uma evidência irretorquível, a queda vertical da apicultura do Rio Grande do Sul. Onde está o mel que o Rio Grande do Sul produzia? Onde estão as abelhas responsáveis pelo mel que se consumia?

Por mais que se busque, a ambos, não os encontramos. Foram levados nas águas dos enxames africanos.

A apicultura no Rio Grande do Sul, substituiu até o ano de 1967 por obra das condições que a ela se presta o nosso Estado, e também, pelo esforço particular de poucos que

procuraram por técnicas mais adiantadas fortalecê-la, e, igualmente, graças à apicultura de subsistência, muito difundida, mas a iniciativa particular de poucos não poderia vencer o isolamento e a falta de condições melhores de muitos.

Se essa mesma apicultura, fosse cultivada em bases sólidas, economia fortalecida e esclarecida, talvez tivéssemos, na época da invasão das africanas, recursos para um combate de repreensão ou a adoção de medidas preventivas, como o exemplo que nos dão os países mais adiantados. Ela, apesar de ter sido dimensionada como a primeira do Brasil, é rudimentar. A sua estrutura agrícola é acanhada. E como prova de sua total desorganização, além dos fatores já citados, acrescentem-se outros: o abandono completo em que se encontra a Estação Experimental de Taquari.

Por outro lado, em confronto com a apicultura de outros países, mais adiantados, mister, como os Estados Unidos — maior produtor mundial — cuja produção chega a atingir 180 mil toneladas por ano, o México, 80 mil toneladas e Argentina 50 mil toneladas — isto em termos de Continente Americano — a nossa produção era insignificante, mas dava para as exigências do consumo interno, o mel puro circulava. Hoje em decorrência da falta do mesmo, os fabricantes de glicose tomaram conta do mercado varejista, onde colocam os produtos falsificados com o rótulo de mel. Daí a falsa impressão de que o mel existe. Não somos contra os produtos artificiais, mas sim contra a maneira como os mesmos são oferecidos ao consumidor. O mel é um produto que somente as abelhas podem fabricar.

O Estado do Rio Grande do Sul, como frisou-se anteriormente, nunca possuiu uma apicultura moldada em uma técnica desejável, sempre foi imatura. No entanto, apesar de toda essa negativa, ela tinha um aspecto positivo: a existência da abelha produtora de mel.

Hoje nós temos outra espécie que não apresenta nenhum índice de produtividade, mas um alto índice de reprodutividade, aliada a uma ferocidade incomum, que vem apavando os apicultores e a população humana e animal. E isto não interessa, o que os apicultores desejam é uma abelha que seja útil ao homem sobre todos os sentidos e muito principalmente no que diz respeito à produção de mel e as suas consequências positivas — polinização das árvores, etc.

Dentro de todos esses fatores negativos que concorreram para o deblaque apícola em nosso Estado, existem outros, como o enorme emprego de inseticidas nas plantas api-

colas, a falta de um reflorestamento, doenças, poluição do ar, etc., mas que se colocam numa ordem numérica inferior aos prejuízos que se acarretam a abelha «Andansonii» de triste presença entre nós.

Deputado ROMEU SCHEIBE Relator CONCLUSÕES

Para se recuperar a apicultura no Estado do Rio Grande do Sul, a Subcomissão, diante do que está exposto no relatório, entendeu de apresentar as conclusões que se seguem e que mostra o caminho a seguir:

1 — O interesse do Ministério da Agricultura, através de um órgão especializado na elaboração de uma legislação própria visando a estrutura apícola de caráter nacional, prevendo convenios com os Estados e estes, através de suas Secretarias de Agricultura, com as Prefeituras;

2 — Importação de rainhas europeias em grande quantidade, evoluindo para a criação de rainhas próprias;

3 — Assitência técnica em todos os setores onde está sendo praticada a apicultura;

4 — Recuperação total da Estação Experimental de Apicultura da Secretaria de Agricultura em Taquari;

5 — Facilitar os meios para a importação de remédios, através das Secretarias de Agricultura que serão distribuídos às Prefeituras (remédios sem similares no país). Importação com isenção de impostos;

6 — Controle da abelha africanizada, através de métodos apropriados por técnicos e especialistas no assunto até sua irradiação;

7 — Corrigir, através de imperativos legais, a introdução indiscriminada de raças de abelhas no Brasil, única forma de evitar-se consequências negativas, como sejam doenças e a conhecida agressividade e improdutividade das africanas;

8 — Organizar o cadastro dos apicultores, assim como o zoneamento das áreas;

9 — Desvincular a Estação Experimental de Taquari do Departamento de Produção Vegetal, transferindo-a para o Departamento de Produção Animal;

10 — Amparo total para a Confederação Brasileira de Apicultura, para que essa possa amparar as demais entidades;

11 — Estudar a viabilidade da criação do Instituto da Apicultura no Rio Grande do Sul, considerando que o desenvolvimento de uma apicultura racional depende de atividades científicas que só um Instituto teria condições de executá-las. Justificando-se que no atual sistema assistencial não contamos com um órgão altamente especializado em Bio-

logia para estudar todos os problemas de comportamento da produtividade, resistência, patologia, ensaios e investigação da abelha;

12 — Fiscalizar e combater o comércio do mel falsificado;

13 — Instalar «stand» de mel na Exposição de Esteio, onde se mostraria ao público as qualidades do mel como alimento e auxiliar no tratamento de muitas doenças;

14 — Estudar-se a viabilidade do emprego por parte das Prefeituras da política do plantio de árvores apícolas a margem das estradas.

Deputado ROMEU SCHEIBE
Relator

WISCHRAL & CIA. LTDA.

VÍDEOS
ARMARINHOS
FRAGRÂNCIAS
PAPELARIAS
LOUÇAS
PERFUMARIAS
CONSERVAS
MEDICAMENTOS

CASA WISCHRAL
COMÉRCIO POR ATACADO
RUA DA CONCEIÇÃO, 442
PORTO ALEGRE, — R. G. S.
INSCRIÇÃO NO C. G. C. (M. F.) N.º 02.050.952/003
FONES: VENDAS 24.74.04
COMPRAS 24.72.20

É MIÚDEZAS em geral

Criação de Rainhas Selecionadas

Criação de Rainhas Selecionadas

Nós, apicultores, devemos procurar os meios mais práticos para aumentar com isto, elevar a apicultura brasileira.

Temos ensinado, incansavelmente os métodos de melhorar o nível de cultura apícola por intermédio da palavra escrita e falada, os meios eficientes para aumentar as colheitas de mel.

Temos frizado que as migrações de apiários tem aumentado em triplo a produção anual.

Quando tivermos melhores estradas, também alcançaremos este objetivo.

A nossa primeira missão é formar grupos de estudantes universitários para termos uma reserva de competentes técnicos de alto nível, capazes de competir em futuro próximo com os renomados cientistas mundiais. Devemos ensinar para a nossa juventude universitária, os mais modernos métodos hoje conhecidos, para que se baseiem na experiência vividas pelos mais velhos.

Devemos estimulá-los para que inventem, cautelosamente aperfeiçoamentos técnicos que elevem cada vez mais o trabalho brasileiro no conceito dos povos.

A nossa segunda missão é incutir na mente da juventude uma inegável verdade genética sobre raças de abelhas: o grande valor da apicultura, a seleção de uma raça de abelhas, uma seleção por linhagem, jamais por cruzamento.

Por cruzamento faz-se seleções de animais de abate.

A mais alta produtividade de mel consegue-se por seleção de linhagem.

Podem-nos servir as experiências americanas, porém nossa flora é diferente, precisamos aperfeiçoar nossos métodos próprios, adaptar-nos a nós mesmos, fazer nossa apicultura.

Em cada criação de animais domésticos deve ser selecionada a parte paterna em primeiro lugar, assim como também a parte materna, isto, tem muito mais importância na apicultura, como em animais de abate.

Em apicultura controla-se a criação de zangões por meio de lâminas alveoladas e cortes temporários, enquanto em animais de abate, é controlado por cercas, o que é mais eficiente.

Para a escolha da linhagem de abelhas, procura-se escolher dentro das colméias mais produtoras e menos agressivas.

Deixa-se de lado as colméias produtoras que são agressivas, extirpando-lhes os zangões.

Por enquanto, somos de opinião, que além das instituições de criação de rainhas, cada apicultor deve fazer sua própria criação, que devem ser permutadas entre os apicultores distantes com grande benefício de âmbos.

Isto evita a consanguinidade que existe entre o casal de abelhas, em grau reduzido, por causa da partenogênese, onde o zangão não é legítimo irmão de sua irmã a abelha, nem a rainha é filha de sua mãe.

Os criadores de rainhas tem que começar a providenciar na criação de zangões, 30 dias antes de começar a criação de rainhas.

O zangão leva muito mais tempo para nascer e para amadurecer, que a rainha.

Doze dias após o nascimento do zangão, recém está sexualmente maduro, enquanto que a rainha já entra no cio com dois dias de idade.

Para escolher o local para um posto de fecundação de rainhas, deve-se ter em conta, que 10 km de distância não pode ter abelhas bastardas. Das abelhas existentes neste perimetro de 20 km, devem ser subs-

tituidas todas as rainhas gratuitamente, para evitar uma possível cruzamento com elementos indesejáveis.

Li numa publicação sobre a Buckfast-Bee, que ela daria 30% mais de produção que as outras abelhas.

Creio que, para alguém escrever algo de positivo sobre tão delicado assunto, seria necessário antes ter lido o livro de Brother Adam: «Em Busca da Melhor Tribo de Abelhas».

Brother Adam, muito nosso conhecido, viajou em 1ª etapa pela Europa, sem pressa, pelo norte da África, pelo Oriente Médio, Macedônia, Grécia e Ilhas, pela Cárnia, voltou pela Hungria e Áustria.

No ano de 1950 começou Brother Adam pela França, Suíça, Áustria, Itália, Sicília e Alemanha.

Como 2ª etapa, no ano de 1952, pela Argélia, Israel, Jordânia, Síria, Líbano, Chipre, Grécia, Creta, Iugoslávia, Tchecoslováquia e Alpes ligúricos em 7 meses; voltou através da França para a Inglaterra.

O resto do tempo (10 anos) levou Brother Adam no aproveitamento e seleção do material de abelhas recolhido nas viagens. Conforme ia colhendo o material, ele o mandava para Devon, na Buckfast-Abtei para os técnicos.

Para estas viagens, o Ministério da Agricultura da Inglaterra ajudou em grande parte, o resto foi financiado pela Buckfast-Abtei.

Brother Adam achou o clima em Israel e a flora maravilhosos.

Para onde ele mandava o material selecionado, na Inglaterra, para ser testado, foi bem sucedido.

Porém, isto de dizer que ela dá 30% a mais de produção para todo o mundo é muito duvidoso, porque o próprio Brother Adam escreveu no seu livro «Em Busca da Melhor Tribo de Abelhas», na página 29 sobre o valor das raças de abelhas, pela qual se sobressai a abelha Cárnica, em muito mais de 30% sobre qualquer outra raça.

Em 1ª cruzamento com a Cárnica qualquer raça boa pode superar a Cárnica para, isto, é, só na 1ª cruzamento, quando passa da cruzamento denominada

CASA DO MEL
GELÉIA REAL E MEL PURO
IMPLEMENTOS PARA A
APICULTURA
ORIENTAÇÃO E INFORMAÇÕES:
APICOLAS - Rua Garibaldi, 1086 - P. A.

○ mel guarda dentro de si uma maravilhosa virtude: a de ser o melhor alimento energético e econômico

A conservação dos favos de cêra

Por Lenhart Robert Schirmer

Em primeiro lugar, mencionar a conservação dos favos construídos e centrifugados, que representa o material mais importante no apiário, tomando em conta o trabalho feito em mão de obra, tanto o nosso, como o trabalho que tiveram que executar milhares de abelhinhas na construção destes favos, que agora servem de vasilhame já pronto para a próxima florada, representando grande quantidade de mel para o apicultor.

Para nós sempre foi um verdadeiro desespero salvar este precioso material da destruição das traças. Todos sabemos que a traça é o pior inimigo imediato num apiário, para devorar em três tempos grande quantidade de cêra. A traça e uma borboleta noturna, cuja larva necessita a cêra para se desenvolver. O inseto adulto, durante a noite, deposita seus ovos nos favos de cêra e em poucos dias já existem centenas de larvas que devoram avidamente os favos de cêra, além disto, deixa uma teia, verdadeiro pânico das abelhas, e com esta teia isolam a aproximação destas. Diga-se de passagem que a larva da traça é o único inseto, cujo estômago digere a cêra e que necessita imprescindivelmente para evoluir; em caso de falta desta, a larva se encapsula e permanece viva durante umas semanas, esperando uma oportunidade para poder alimentar-se de novo e assim seguir seu ciclo evolutivo.

Para resguardar os favos construídos das traças usou-se vários métodos preventivos e trabalhosos, sem resultado. Usou-se o enxôfre, empilhando uma pilha de sobre-caixas com os favos, deixando 4 sobre-caixas embaixo sem favos, onde se coloca o recipiente com o enxôfre. Este recipiente enche-se com pedaços de jornal ou palha, ou mesmo folhas secas e derrama-se enxôfre em pó sobre o jornal e põe-se fogo. O enxôfre assim não produz chama, mas todo o cuidado é pouco, para evitar incêndio e não se deve abandonar enquanto queima.

Nós sabemos que a particularidade do enxôfre, ao ser queimado, ele passa do estado gasoso ao sólido de novo, em forma de cristais; ao queimar-se evapora, sobe por entre as sobre-caixas empilhadas e o vapor do enxôfre ao se esfriar cristaliza e se deposita nos favos de cêra, e não prejudicará as abelhas num futuro uso. Para afastar o cheiro do enxôfre e seus cristais depositados, basta arejar as sobre-caixas com os favos durante 2-3 dias.

O processo de enxofrar os favos, para evitar que as traças os a-

taque é pouco eficaz e trabalhoso, além de expor o material e o ambiente no depósito a um possível incêndio, é um trabalho que teria que ser repetido dentro de três semanas. O enxôfre só mata as larvas muito próximas ou as que recebem o impacto mais direto do enxôfre, mas não penetra nos interstícios dos favos, onde já estão os ovos depositados, cujas larvas nascerão, e quando o apicultor menos espera, todo seu precioso material foi devorado, e não só a cêra, mas também até os caixilhos e a parede das caixas.

Outra técnica usada, ainda menos eficiente, é empilhar as sobre-caixas com os favos, intercalando jornais com enxôfre em pó, isto também não resolve.

A técnica mais prática é infalível consiste em arejar bem os favos, para isto o apicultor pode escolher entre dois procedimentos: um é pregar debaixo do teto do galpão sarrafos em forma de trilhos e enfiar ali todos os favos, tendo apenas o cuidado de pregar os sarrafos na distancia certa, para que com algum vento não caiam os favos e se quebrem.

É por último, damos a orientação mais prática, econômica como infalível, que é cruzar as sobre-caixas, umas sobre as outras, empilhá-las num ambiente bem ventilado, tendo o cuidado para que os favos não encostem um no outro, deixando 1 cm de espaço entre os mesmos. Informamos que fizemos questão de mencionar o uso do enxôfre, visto que muitos usam esta técnica preventiva falha e trabalhosa. Outros ainda usam o sistema de armário, isto é, para resguardar os favos das traças, constroem armários hermeticamente fechados e enxofram, isto também não resolve.

Nossa orientação de arejar é fiel e infalível. Em muitos anos de experiências, não encontramos um favo sequer com traças, e é um verdadeiro luxo pode-se guardar os favos, durante anos, sempre com o mesmo uso.

Complementando, queremos mencionar que nos referimos aqui sobre favos da melgueira, favos que nunca receberam postura ou nos quais nunca nasceram crias, são favos brancos e só se consegue cultivar com favos grossos, com 40-43 mm de largura, como se usa na colméia Schirmer, e que pode ser usado também em qualquer colméia, é só implantar a medida em questão.

Os favos da ninhada que tiveram nascimento de cria, marrons, para salvar a cêra das traças, o único meio é ferver e extrair assim a cêra para fazê-los construir de novo.

É inútil querer guardar favos da ninhada.

A época mais propícia para a evolução da traça é o verão, ela precisa de calor e escuridão. Seguidamente, ouvimos apicultores queixarem-se que as traças mataram várias das suas colméias. Não é bem isto o que acontece, a traça não ataca as abelhas, mas o que acontece é que estas colméias ou enxames que foram atacados pela traça apresentaram anomalias, eram órfãs ou doentes, com muito poucas abelhas para cobrir os favos e vigiar e numa colméia doente tudo está mal e seu ninho é a melhor isca para as traças. As abelhas ficam abandonadas e as traças se instalam, fazendo a destruição total, e isto mais acontece no verão.

O importante para conservar o material do apiário é mantê-lo bem pintado, com três mãos de pintura por fora, os pisos podem ser pintados também por dentro, sem que isto prejudique às abelhas no mínimo. Uma boa pintura dura 5 anos e prolonga em muitos anos o material apícola. O estrado, onde estão instaladas as caixas, deve ter um centímetro de inclinação para a frente, a fim de permitir que as águas das chuvas possam escorrer e não parar no piso, e é um bom abrigo encima das caixas.

Quem fizer apicultura migratória e tiver em uso a colméia Schirmer, aconselhamos conseguir no ferro velho tampas de fogão esmaltadas, são baratas, de duração ilimitadas, higiênicas. O vento não as tira, serve de apoio de uma sobre-caixa, enfim, é o mais ideal que há em tipos de teto para a colméia, só que seu tamanho unicamente se presta para o sistema Schirmer, devido a sua dimensão.

Leia e propague A "COLMÉIA"

O jornal de maior circulação e único no genero neste pais.

**A COLMÉIA SCHIRMER É
A MATEMATICAMENTE
MELHOR DISTRIBUIDA,
QUE APÓS 30 ANOS DE
ESPERIENCIAS NAO DE-
MONSTRANDO NENHUM
INCONVENIENTE DESAFIA
QUALQUER SIMILAR,**

PÁGINA DA DONA DE CASA

- 1 — Limonada com mel, refrigerante insubstituível, delicioso e saudável.
- 2 — Uma camada de mel na cutis, limpa os poros, elimina a flacidez e torna a pele sedosa e juvenil.
- 3 — O mel natural contém 5 enzimas de muito valor, ao aquecê-lo, se destroem.
- 4 — Tome sempre uma colher de sopa de mel ao deitar e ao levantar.
- 5 — Contra a tosse dos fumantes, toma-se uma colher de sopa de mel de manhã.
- 6 — Um doente que se alimenta com mel, acelera a convalescença.
- 7 — Contra a insônia, uma colher de sopa de mel ao deitar, dá um sono tranquilo.
- 8 — O mel na alimentação infantil, protege as crianças contra doenças.
- 9 — O mel é um alimento pré-digerido e será assimilado pelo organismo mais delicado.
- 10 — Contra prisão de ventre: 1-2 colheres de mel em meio copo de água com limão.
- 11 — O mel aplicado em feridas purulentas, tem ação bactericida terminante.
- 12 — O mel dá saúde, energia, alegria de viver e uma vida longa.
- 13 — O mel é um excelente alimento energético no decaimento e fraqueza geral.
- 14 — Contra a tosse ou dores de garganta: leite quente com mel, 2 vezes ao dia.
- 15 — O mel tem ação glicogênica e cardioprotéica, reforça o ritmo do coração.
- 16 — O mel é a maior fonte de vitaminas e sais minerais naturais.
- 17 — O mel como poderoso tônico muscular, aconselha-se seu uso aos esportistas.
- 18 — Uma boa dose de mel em água, restaura imediatamente a energia física.
- 19 — Todos os cardíacos devem consumir mel em quantidade, tem ação cardioprotéica.
- 20 — O mel dispensa todo desgaste digestivo, é todo assimilado.
- 21 — O mel é um determinante na boa saúde e desenvolvimento da juventude.
- 22 — O uso do mel diariamente, garante uma boa saúde e vida longa.
- 23 — O mel aplicado em quemaduradas, é secante, curativo e evita as bolhas.
- 24 — Quem tem muito desgaste muscular, encontra reforço no mel.
- 25 — Contra a catarata, pinga-se uma gota de mel nos olhos ao deitar.
- 26 — O mel tem ação diaforética, expectorante, laxante, diurética, cardioprotéica.

27 — O mel com manteiga substitui o óleo de fígado de bacalhau.

28 — O mel com queijo é uma sobremesa deliciosa, nutritiva e sempre pronta.

29 — Use mel na mamadeira de seus filhos, cuja saúde será sua recompensa.

30 — Você deixa de fumar, comendo mel.

31 — O uso do mel regula as funções de todos os nossos órgãos.

32 — Comendo sempre mel, combate hipertrofias e atrofia glandulares.

FABRICANDO CÊRA

Adolfo Max

A cêra é um produto animal e não vegetal como a princípio se julgava, matéria recolhida do campo como é o nectar ou o propolis.

No tempo quente, no auge da colheita ou, se a colméia é alimentada a xarope forte, encontrar-se-hão, no fundo da colméia ao fim do segundo ou terceiro dia, pequenos discos de cêra parecidos com escamas de peixe, expelidos dentre os anéis da parte inferior do corpo das abelhas.

As vezes estas escamas são produzidas com tal rapidez que as abelhas não conseguem aproveitar todas, caindo algumas no fundo da colméia onde podem ser recolhidos por vezes em grandes quantidades.

Durante a estação, quando a colméia está forte, na secreção natural da cêra, as escamas raramente são desperdiçadas.

Por ocasião e logo após a enxameação, um numero maior de abelhas segregam cêra. Quando as abelhas se agrupam num cacho, por alguns minutos, pedacinhos de cêra são aderidos no local, como se estivessem começando a construir favos.

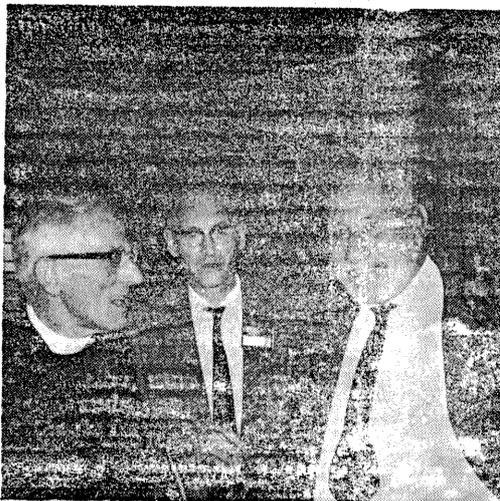
Inicialmente a cêra é líquida e deriva do sangue da abelha, pela a-

ção da celula, tratando-se de um produto do organismo da abelha como é o leite dos animais mamíferos, poder-se-ia dizer que a cêra é um produto constituído do seu sangue, suado pelas glandulas ceríferas. Até a pouco, supunha-se que eram preciso descontar 20 quilos de mel para produzir um quilo de cêra. Posteriormente estimou-se em 3-4 quilos de mel por um quilo de cêra, porém até hoje, isto constitui uma incognita, alguns estimam de 7 a 15 quilos de mel consumido, para produzir um quilo de cêra, geralmente acredita-se que é preciso consumir pelas abelhas produtoras de cêra 8 kg. de mel para produzir um quilo de cêra. Sabe-se que são preciso 1,25 milhões de escamas de cêra por quilograma, que são preciso 150.000 abelhas, que produzissem uma vez cêra, para fazer um quilo.

Há muitas opiniões contraditórias entre leigos ou falsos entendidos, pois depende mais da época e das condições da colméia do que da quantidade do mel.

As escamas de cêra secretadas são removidas pela junta de uma das patas trazeiras e passadas para as duas dianteiras e, por uma peculiar pelagem seguras e mastigadas pelas mandibulas das abelhas, as quais adicionam saliva, chama do balsamo de polen e finalmente aderidas ao favo. Durante este processo as abelhas se seguram, com apenas tres pés enquanto que, uma pata trazeira e as duas dianteiras, em conexão com as mandibulas completam a operação.

As escamas são, as vezes, encontradas espalhadas no fundo da colméia com marcas das garras das patas trazeiras o que evidencia que cairam acidentalmente do alcance da abelha, naquela sua maravilhosa prestidigitación de passar as escamas da pata trazeira para as dianteiras. Continua no próximo número



As abelhas unem povos e classes

Neste foto vê-se os apicultores, Paul H acur de Marrocos, Expert Apicol Conferencier de Sidi Yahia du Gharb, (Maroc.). O Irmão Adam da Inglaterra, de Buckfast. Criador da celebre "Buckfast Bee", a melhor abelha de Israel. No centro o Diretor de "A Colméia" Bruno Schirmer num encontro de fraternal amizade por amor à apicultura, que igualmente devotamos.

Desvatagem da Abelha Africana

- 1 — Que não pode ser criada perto de outros animais ou pessoas;
- 2 — Violenta agressiva;
- 3 — Exige uma indumentária especial;
- 4 — Excessivamente pilhadora e saqueadora;
- 5 — Esgota-se muito na enxameagem;
- 6 — Muito pouca produção;
- 7 — Não aproveita o xarope para evolução;
- 8 — Sem instinto de armazenagem;
- 9 — Má construtora de favos;
- 10 — Não aceita de bom grado a cêra laminada;
- 11 — Não responde à fumaça;
- 12 — Na escassez de flores, abandona a cria;
- 13 — Não aceita rainhas de outras raças;
- 14 — É muito nervosa, difícil encontrar a rainha;
- 15 — Ao abrir a caixa, abandonam a cria e os favos;
- 16 — Os trabalhos com 3-4 caixas, as demais também se alteram;
- 17 — Os enxames não param na caixa;
- 18 — As rainhas novas se perdem, não voltam;
- 19 — Não se presta para núcleos de fecundação;
- 20 — Muito contagiosa por doenças;
- 21 — Os enxames atacam inesperadamente;
- 22 — Só se presta em cavaletes individuais;
- 23 — Baixo índice de diastase do mel: 5-8;
- 24 — Em opérculo limpo, 70% de sujeira;
- 25 — Não se presta para produção de cêra;
- 26 — Seu própolis também é uma sujeira preta e seca;
- 27 — Instalam-se em qualquer buraco imundo;
- 28 — Ao transportá-las, muitas abandonam a caixa;
- 29 — Invadem e saqueiam as outras raças;
- 30 — Introduzem-se clandestinamente e matam a rainha das outras raças e se instalam, se houver mel.

Na atualidade, ainda existem «escribas» que elogiam e divulgam esta «peste» de abelhas, com tamanha faixa de defeitos. Dizem eles que ela é boa produtora, só que um pouco nervosa, é preciso «saber lidar» com elas. As manchetes dos jornais do Brasil publicaram nos últimos anos os tristes acidentes causados por esta abelha. Muitas pessoas foram enterradas, mortas por abelha e, ainda existem pessoas que fomentam criá-la. Reunem os colonos, inocentes e os arrastam criminosamente no engano, e assim tornam a criar

esta abelha perto de suas casas, onde serão vítimas amanhã dos ataques maciços aos animais domésticos de todo porte e até podem morrer seus filhos pelos ataques, de surpresa.

No outono do ano passado, alimentamos durante 45 dias, com xarope, um enxame de abelhas africanas. Se deu o xarope todos os dias, aos 20 dias abrimos a colméia, e nossa surpresa, não se verificou nenhum aumento da população e nem vestígio de reserva. Assim como botamos o alimento, assim o devoraram, sem o mínimo sinal de estocar reservas.

Seguimos a alimentação mais 25 dias, no fim dos 45 dias, tornamos abrir a colméia. Havia cria normal, boa postura e rainha nova. Aqui, deixámo-la entregue à sua própria sorte. Ela passou o inverno com um punhado de abelhas, quase sucumbindo de fome. Na primavera desenvolveu-se bem, sem atenção nenhuma e deu 8 Kg de mel, porque a mãe «Natura» foi pródiga na última primavera.

Conclusão: Nem um tratamento estimulante é aplicável satisfatoriamente nesta abelha, não aprendeu a economizar com suas reservas para o dia de amanhã.

É UMA RAÇA QUE NÃO PRESTA!

Que a vantagem da abelha Cárnica é:

- 1 — Que pode ser criada perto de outros animais ou pessoas;
- 2 — Extremamente mansa e consciente de si;
- 3 — Pode-se trabalhar com ela de qualquer roupa, sem luvas, sem botas e até sem máscaras, conforme os dias e as horas;
- 4 — Não é pilhadora, nem saqueadora;
- 5 — Dificilmente enxameia, e isso só acontece, se lhe faltar espaço;
- 6 — Muito boa produtora;
- 7 — Reage otimamente bem numa alimentação estimulante;
- 8 — Um excelente instinto de armazenagem, ela pensa no dia de amanhã;
- 9 — Uma ótima construtora de favos;
- 10 — Aceita muito bem lâminas que impulsionam seu progresso;
- 11 — É muito sensível à fumaça;
- 12 — Em caso de fome, morre junto à cria;
- 13 — Aceitam rainhas com a maior facilidade;
- 14 — É muito calma, se encontra sua rainha fácil, por vezes até segue sua postura com o favo na mão;
- 15 — Ao abrir a colméia, não se perturba o mínimo, segue seu ritmo;
- 16 — As colméias vizinhas não se alteram com o manuseio;
- 17 — Um enxame posto numa

caixa, será um enxame seguro;

18 — Uma rainha só não volta, se algum pássaro a atrapalha;

19 — Presta-se muito bem para núcleos de fecundação;

20 — Muito resistente às enfermidades;

21 — Seus enxames jamais atacam alguém;

22 — Não há problema em instalações coletivas numa barra só;

23 — Elevado índice de diastase: 30-40;

24 — Em opérculo limpo 95% de cêra limpa, amarela;

25 — Ótima produtora de cêra;

26 — Não propoliza muito, própolis limpo, flexível e cheiroso;

27 — Só aceitam moradia limpa e sem cheiros;

28 — Não oferece desvantagem nos transportes, depois de uma hora, já traz pólen.

29 — Jamais invade ou saqueia uma colméia vizinha;

30 — Não cometem ataques traiçoeiros nas outras rainhas.

Paradoxal é que todas estas grandes vantagens de uma raça de abelhas não são divulgadas, são esquecidas, desprezadas e abandonadas. Por que os escribas não rememoram esta grande abelha? Certamente nem esta, nem a abelha africana chegaram a conhecer de perto, escrevem simplesmente para se manter à tona da promoção pessoal.

Em que época as manchetes anunciaram, no tempo da abelha Cárnica algum ataque internacional em algum animal ou pessoa?

Estas qualidades de uma super-raça não se divulga e não se prestigia. Vamos criar e prestigiar esta «super-raça». Super-raça, porque jamais haverá raça melhor e superior dentro do gênero das Apis.

Uma raça de abelhas que qualquer pessoa, homem, mulher e até crianças, pode lidar com elas, sem problema nenhum e pode ser criada ao lado do galinheiro, chiqueiro, estábulo ou fundo do quintal, sem jamais apresentar algum problema. Mostrou-se sempre amiga, companheira e colaboradora do homem do campo.

Conclusão:

Mediante alimentação estimulante, antes da estação das flores começar, pode-se estimular um desenvolvimento rápido da postura da rainha, para dar nascimento a milhares de abelhinhas, que irão aproveitar ao máximo os nectários das flores e ainda serve para explorar uma polinização dirigida das hortas, aumentando 60% destas, além do mel e cêra.

ESTA É A RAÇA DE ABELHAS DE TODOS OS TEMPOS!

Não continue boicotando "A COLMÉIA". Que é um pecado perante a apicultura.